

Demandas de quilombolas motivam ação universitária

Vista panorâmica da comunidade Kalunga Engenho II, onde ocorreram as atividades promovidas pela UFG

Projeto *Kalunga Cidadão*, promovido e coordenado por unidades acadêmicas da UFG, leva atividades sociais à comunidade quilombola do Engenho II, no município de Cavalcante (GO)

Marina Celestino

No dia 24 de setembro, realizou-se a primeira ação do Projeto Kalunga Cidadão, iniciativa organizada pela Escola de Veterinária e Zootecnia (EVZ), em parceria com mais nove unidades acadêmicas da UFG. Cerca de 80 membros da instituição, entre alunos, docentes e servidores técnico-administrativos, participaram do projeto de extensão, que consistiu em promover ações comunitárias, no intuito de melhorar as condições de vida dos quilombolas Kalunga na região.

O povo Kalunga representa a continuação de uma comunidade formada por negros que resistiram à escravidão e alforriados, que organizaram quilombos na região da Chapada dos Veadeiros, no norte de Goiás, onde hoje se encontram os municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás. Detentor de identidade e cultura peculiares, o povo Kalunga tem uma história que se reflete em seu modo de viver. Suas relações com o meio natural, com a própria comunidade e demais grupos, na organização social e política de sua vida, na construção de suas formas de subsistência, entre outros processos, são demonstrações da realidade impar dessa comunidade.

A professora da EVZ Maria Clorinda Soares Fioravante, uma das idealizadoras do projeto, explicou que a ideia partiu de sua convivência com as comunidades quilombolas daquela região. Há cinco anos, o curso de Veterinária vem realizando, naquela localidade, uma ação para reinserir a criação do gado curraleiro pela população local. "O projeto Gado Curraleiro já está consolidado e, por causa dele, visito as comunidades ao menos duas vezes ao ano. Como consequência dessa aproximação, fui vendo surgir outras demandas, então comecei a elaborar o Kalunga Cidadão", explicou ela. Em março

deste ano, a UFG promoveu um encontro entre as unidades acadêmicas que desenvolvem projetos nas comunidades Kalunga do norte do estado, a fim de possibilitar o diálogo e possível articulação dessas ações. "Já havia projetos isolados de algumas das unidades e, de acordo com a demanda da comunidade, fomos introduzindo mais unidades que seriam necessárias para o atendimento das reivindicações dessa população", esclareceu Clorinda Fioravante.

As atividades promovidas pela UFG concentraram-se na comunidade do Engenho II, situada na zona rural do município de Cavalcante (GO). Os Kalunga enfrentam diversos problemas em suas comunidades, que vão da falta de infraestrutura a demandas judiciais, relacionadas aos posseiros que invadem suas terras ilegalmente. Ao longo do dia de ação, os membros da UFG ofereceram serviços variados, como exames oftalmológicos, consultoria com advogados acerca de problemas fundiários, vacinação de cães e gatos, oficinas de higiene bucal sob a orientação de estudantes de Odontologia, entre outros.

Presentes na solenidade de abertura das atividades, estavam o reitor Edward Madureira Brasil, o prefeito de Cavalcante, Josias Magalhães Costa, secretários do município, representantes da associação dos Kalunga, além de membros do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incr) e pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Em seu pronunciamento, o reitor ressaltou a importância da ação promovida pela UFG, articulando várias áreas do conhecimento em prol do desenvolvimento da comunidade Kalunga: "A UFG pretende estar presente na comunidade Kalunga de maneira definitiva, contribuindo para o seu crescimento e, ao mesmo tempo, o da própria universidade", afirmou ele.



Os moradores da comunidade chegam para o dia de atividades



Berwinda Route, 22 anos, estudante intercambista de Guiné-Bissau, cursa o 6º período de Odontologia na UFG

"Fui convidada por uma professora da faculdade para participar. Como foi a primeira vez do curso de Odontologia no local, fizemos uma triagem, ensinando sobre escovação, como usar o fio dental, como prevenir cáries e dicas sobre alimentação saudável. Tivemos uma presença muito significativa e distribuímos escovas e pastas de dentes para adultos e crianças."



A artesã Nina Gonçalves dos Santos, da comunidade Vila Morro Encantado (Cavalcante/GO), trabalha com peças feitas de capim-dourado

"O capim-dourado tem data certa para ser colhido, antes das chuvas. Quando colho, colho para trabalhar o ano todo. Trabalho com o artesanato e vendo na própria cidade de Cavalcante. Meu marido é doente e é do capim que tiro o nosso sustento e o dos meus três filhos."



O professor Wilson Morzena Leandro mostra para as crianças, numa maquete, o processo de formação da voçoroca

Recuperação ambiental em área de voçoroca

Direito à terra

Técnicos do Incra e da Embrapa participaram das atividades com o objetivo de esclarecer a população acerca dos problemas fundiários, uma das principais reivindicações das comunidades quilombolas da região. De acordo com o presidente da Associação do Quilombo Kalunga, Cirilo dos Santos Rosa, as comunidades enfrentam grandes desafios nesse quesito: "O território quilombola vem sofrendo grandes intervenções. Enfrentamos problemas relacionados a membros da própria comunidade, que vendem suas terras para pessoas de fora, que invadem e vendem a terra (grileiros), garimpeiros, madeireiros e, recentemente, para a exploração turística não autorizada", denunciou ele.

É proibido por lei vender ou comprar terras na área e, em 2009, um decreto presidencial determinou a desapropriação de terras ocupadas por proprietários particulares para fazê-las retornar ao poder dos Kalunga. Entretanto, de acordo com a população, as terras continuam sendo invadidas e essa desapropriação não ocorreu em sua totalidade. Em casos extremos, há membros da própria comunidade que compraram terras de grileiros antes do decreto, na esperança de conseguir manter suas famílias no lugar em que estão suas raízes. O prefeito do município de Cavalcante afirmou que este é o maior problema das comunidades quilombolas da região: "A preocupação maior da comunidade é com relação à questão fundiária, à documentação desse título declarado pelo presidente no ano passado, porque há ainda aqui terras ocupadas por proprietários anteriores ao decreto. A ordem é organizar essa demanda, já que muitos desses antigos proprietários ainda não foram indenizados", esclareceu ele. "Há também denúncias de agressões promovidas por ex-proprietários, ou mesmo posseiros, que intimidam ou ameaçam os membros da comunidade", ressaltou o prefeito.

No entanto, apesar de sua relevância, a propriedade da terra revela-se como apenas uma das muitas carências daquela população. O projeto ofereceu também minicursos direcionados especificamente a diversas dessas necessidades. De uma oficina de bordado a um curso sobre o uso medicinal das plantas do Cerrado, de um projeto de cultivo local dessas plantas a aulas sobre como evitar as erosões que vêm degradando seu território arenoso, os Kalunga puderam aprender melhor como defender seu patrimônio e manter sua subsistência sem impactar a natureza, num dia que está resumido na premissa inicial do projeto: torná-los cidadãos.



Gilvan dos Santos Moreira, 17 anos, 2º ano do ensino médio, é estudante e integrante da trupe de teatro Grupo Arte Quilombo MATEC

"As aulas de teatro nos ajudaram a preservar mais nossa comunidade e dar valor à nossa cultura. O teatro nos ajudou a falar em público, o que tínhamos muita dificuldade de fazer. Também ajudou a sabermos mais dos nossos antepassados, das tradições, da cultura, de preservação do meio ambiente e até a reivindicarmos nossos direitos."



Maria Rodrigues da Conceição – "não sei bem qual é a minha idade" – membro da comunidade do Engenho II

"Vim para vacinar a minha cachorrinha, a Bolinha."

A integração entre a equipe da universidade e os moradores visa o desenvolvimento da comunidade Kalunga

Fotos: Carlos Siqueira

